Nº 22

G R I T O

APARTADO 497
4401 V.N.GAIA CODEX
PORTUGAL

GRITO

NOV. '92

BREVEMENTE, O GRITO LANÇARÁ UMA CASSETTE COMPILAÇÃO INCLUINDO:

ODE FILIPICA (P); GERMAN SEX (P); MAJOR ALVEGA (P); PROJECTO JIL (P); RESÍDUOS TÓXICOS (P); TABULA RASA (P); ACTVS TRAGICVS (P); CELLO (P); ARCHITECTS OFFICE (U.S.A.); JOSEF BOYS (D); SOLANACEAE TAU (D); BELLAS ARTES (U.S.A.); DANIEL TRIANA (U.S.A.), e provávelmente mais alguns projectos.

A compilação terá o nome de RORSCHACH STORM ou FOSSIL e poderá eventualmente ser em formato duplo.

BRE VEM ENTE

DIRECÇAO: C.A.M.- Complexo de Actividades Mentais.
GRAFISMO: Paulo Lima.
REDACTORES: Paulo Lima; Inês Monteiro; Carlos Bértholo; Sérgio Rocha.
COLABORADORES: Carlos Santos; Luís Moreno; Luís Freixo

PRÓXIMO NÚMERO:

- Carlos Zíngaro.
- Je+Ill+Tav Falco.
- Ode Filipica.
- Editoras/distribuidoras alemãs.
- Cello.
- German Sex.

...e muito mais...

EDITORIAL

Mais um Zine posto à venda. Desta vez excedemo-nos como podem vêr. Tudo preocupações. Neste GRITO abordamos uma das grandes questões do futuro, talvez para os tempos dos nossos tetranetos: a Cibernética. Será de loucos imaginar máquinas perfeitas, ou só idiotas não se preocupam com problemas desta ordem? Vejam com vossos próprios olhos e decidam. Daqui a 3 meses sai outro GRITO, isto se entretanto não nos sair o Totoloto.

Relativamente ao texto do GRITO #5 que abordava a carreira dos Architects Office, queremos corrigir que Rick Corrigam e Claude Menetz já não tocam nos A.O., desde 1985 e 1987 respectivamente. Actualmente o trio é composto por Douglas Stickler, Tom peters e Joel Haertling. Aqui fica a nossa correcção.

GRITO: Quando se iniciou o projecto?

FEN.YR.: Criei o projecto Solanaceae Tau em 1985.
Em 1986, juntamente com Katmaina e outros musicos, realizei a primeira cassette. Seguiram-se, pouco tempo depois, contribuições para compilações editadas em cassette, na Alemanha e Holanda.
Os melhores trabalhos deste tempo, estão na cassette "Destruction is not negative, you must destroy to build".

GRITO: Falem-nos das vossa actividades musicais e experiências.

NI.CHAO: Além da minha participação nos Solanaceae Tau, canto e toco guitarra num grupo feminino, aqui em Frankfurt . E paralelamente frequento uma escola de teatro.
FEN.YR.: Solanaceae Tau é a minha principal actividade artística. Também faço experiências com colagens de video. Penso que a primeira cassette de video dos S.T. estará pronta nos finais de '92.

GRITO: Que tipo de sentimentos e mensagens tentam exprimir na vossa música?

FEN.YR.: Solanaceae Tau é um instrumento para a minha expressão criativa e para a minha filosofia politica. Sou membro da cultura independente, contra a sociedade de consumo.
Odeio o racismo, um grande problema aqui na Alemanha, e odeio todo o tipo de religiões, ideologias ou submissão económica.
Solanaceae Tau é um projecto político e penso que a arte deve ser política.
A mensagem e os sentimentos é aquilo que ouves entre linhas, é a tua interpretação do som e da atmosfera.

NI.CHAO: Eu gosto particularmente da individualidade caótica. Expando a minha demência de dentro para fora.

GRITO: De que modo as novas tecnologias, os novos instrumentos influênciaram e influênciam o vosso trabalho?

FENR.YR.: O trabalho experimental com instrumentos musicais e processadores de efeitos, tem uma grande influência no meu tipo de arte.
No início comecei apenas com uma simples caixa de ritmos e um gravador de 2 bobines. Hoje trabalho co sintetizadores midi e no futuro trabalharei com máquinas computorizadas. Apesar disso, é o gravador de bobines e a manipulação de cassettes o mais importante para o som dos Solanaceae Tau. Os gravadores de bobines são instrumentos musicais, as lâminas das navalhas de barbear são instrumentos para um compositor de música.
A tecnologia midi, o "cubase" e as "workstations", são muito importantes para a criação de música electrónica. Uso esta tecnologia e outro tipo de criação sonora.
A nova tecnologia é um caminho para o progresso, mas não o garante.
GRITO: A atmosfera musical que rodeia o vosso trabalho tem alguma influência na vossa forma de viver e vice-versa?

NI.CHAO: Sim, a música tem a possibilidade de criar sentimentos e emoções.
FENR.YR: A normalidade e a adaptabilidade mental não são pressupostos para a expressão artística.
A maior parte dos meus amigos ou são músicos ou trabalham com música e todos são, de certa forma, individualistas.
Penso, ou melhor, espero ser também um individualista no meu tipo de vida e mentalidade.
Não sou filho de pais ricos, tenho de trabalhar para viver. A estrutura capitalista tenta matar a individualidade. Penso que conheces o tipo de vida alemã! É horrível; é uma violação diária da vida e da individualidade.

Solanaceae Tau é uma maneira de romper com isso. É um instrumento para a sobrevivência mental.

GRITO: Podem definir a vossa música como electrónica? Ou rotular a música não é importante para a vossa realização como compositores!

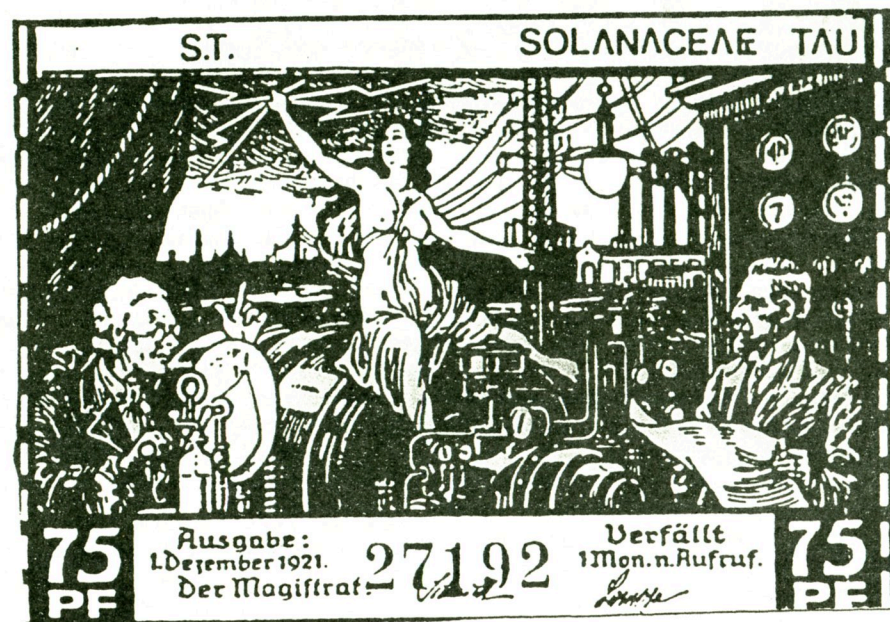
NI.CHAO: A definição da nossa música, o rótulo, não é importante para mim.
FENR.YR.: É difícil definir a música dos S.T. Não tem nenhum conceito musical, é um conceito musical.
Quando dizes que os S.T. fazem música electrónica, está correcto, mas não vejo razão para a definir.
Solanaceae Tau é música electrónica ou new wave ou industrial ou psicadélica ou body music ou dada ou anarquista ... ou simplesmente ... ouvir para o próximo colapso.

GRITO: Sentem-se influênciados por alguns musicos ou grupos? Se sim, de que maneira é que essas influências mudaram as vossa actividades?

FENR.YR.: Às vezes temos musicos de suporte que nós convidamos. Os contactos são meramente uma forma de comunicação.

GRITO: Que tipo de materiais e efeitos usam para fazer as vossas musicas?

NI.CHAO: Um dicionário, papel e caneta. Às vezes também a guitarra. Mas a concepção básica cresce na nossa cabeça.
FENR.YR.: Compôr e criar são processos sincronizados. A sequência cresce e muda enquanto trabalho com os meus instrumentos. É um tipo de interacção entre o homem e a máquina, uma experiência cibernética. Não é um princípio casual , é mais uma viagem no som e espontaneidade.
As letras surgem separadamente. Por isso uso um dicionário, papel e caneta.

O material que uso, é um Fostex de 8 pistas, uma pequena "workstation" Yamaha, um sintetizador Roland outro Alesis e um processador de efeitos Korg, além de pequenos geradores e alienadores de som.

GRITO: Desenvolvem algum trabalho artístico em paralelo?

NI.CHAO: Pinto quadros surrealistas.

GRITO: Quando compõem ou gravam pensam só em vocês e fazem-no só por divertimento ou pensam também nas pessoas que vos ouvem?

NI.CHAO: É um sentimento invulgar quando as outras pessoas ouvem a minha música. É bom saber que as pessoas encontram sentimentos ouvindo a minha voz.

FENR.YR.: É mais do que por divertimento. É uma maneira de exprimir as minhas emoções, o meu ódio, os meus medos, esperança, agressão, as minhas ideias políticas. Penso em muitas coisas quando escrevo as letras. Penso no fascismo, na brutalidade policial. Estúpidas cabeças quadradas que nos rodeiam, na chamada Alemanha. A destruição da natureza.

E penso nas muitas pessoas que se erguem contra isso!

GRITO: Como é feita a distribuição do vosso material a nível mundial.

FENR.YR.: Temos 3 maneiras de distribuição. A primeira é a nossa contribuição em cassettes e discos compilatórios. Participamos em cassettes e vinil, na Alemanha, Holanda e USA.

A segunda maneira é a produção para editoras de cassettes tais como Irre Tapes e Prion (na Alemanha), Art Brut (na Áustria) ou SPH (Portugal). Já agora, um grande obrigado aos amigos destas "tape labels" pelo apoio ao nosso trabalho.

A terceira é a distribuição feita por nós próprios, tu podes adquirir as nossas cassettes directamente. O preço de cada é de 10 Marcos Alemães.

por último, mas não última, tenho contactos com fanzines e estações de rádio independentes aqui, em França, Grécia e também Portugal.

GRITO: Quais os vossos futuros projectos?

NI.CHAO: Quero tentar criar um Radiodrama.

FENR.YR.: É um projecto difícil, porque o nosso conhecimento nessa área é praticamente nulo.

a combinação entre som e video é o meu futuro projecto.

GRITO: Estão interessados em novos instrumentos, ou o mais importante é a imaginação do musico?

NI.CHAO: Não!

FENR.YR.: Estou interessado em novos instrumentos e sistemas musicais, mas não sou escravo do progresso tecnológico.

GRITO: Falem-nos das vossas performances ao vivo bem como dos processos utilizados para as realizarem.

NI.CHAO: No futuro vou fazer actuações ao vivo com o meu grupo feminino e também performances teatrais.

FENR.YR.: Solanaceae Tau não faz performances ao vivo!

Este tipo de arte não dá para realizar ao vivo porque não tenho interesse em fazer um espectáculo em playback com cassettes, computadores e sequenciadores e isto não é o que imagino para live performances.

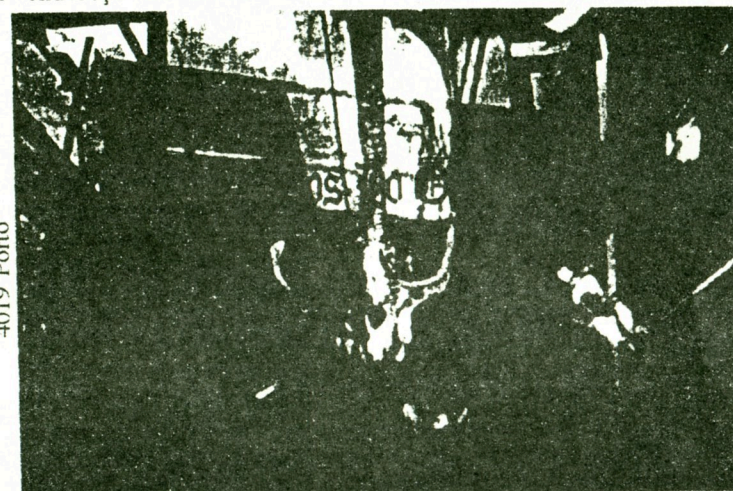
Estou interessado numa performance em video Dadaística com outros artistas. Um tipo de sindicato de caos multimedia, mas os artistas aqui, em Frankfurt, pensam muito em termos comerciais (e Berlim fica muito longe).

Inês Monteiro.

ENTREVISTA REALIZADA POR CORREIO, FECHADA EM 92.07.14.

RESÍDUOS TÓXICOS

Torna-se oportuno salientar aqui um trabalho dos Resíduos Tóxicos, o qual se intitula "Ossos do Ofício" e merece um breve apontamento, a fim de não entrar no esquecimento...
Se a entrevista se mostrar insuficiente para entender este projecto, remetam as vossas questões para o endereço no final do texto.

Resíduos Tóxicos (CASSETE)
Apartado 5126
4019 Porto

GRITO: "Ossos do Ofício" remete para um sentido meramente literal ou vai mais além, ou seja, pretende evocar algo de popular tal como cumprem os provérbios?

RESÍDUOS TÓXICOS: O título está ligado à ideia que o senso comum lhe atribui, mas envolvida num contexto diferente; a luta contra a concepção de valores e morais instituídos, tomamos esse desafio como um confronto abismal, e necessário vencer, mesmo que tenhamos que fazer concessões ou alianças, ou passar por advogados do Diabo...

GRITO: É notório neste vosso trabalho, uma incessante busca pela temática étnica, juntamente com um espírito religioso. Existe alguma razão para esta fusão?

R.T.: Sim é verdade que surgem algumas referências evidentes, mas não pensamos em termos de uma filosofia particular. O que nos interessa em ambas, é serem manifestações espirituais, onde reina o carácter mágico da cerimónia, o ritual, a nossa música alimenta-se muito disso. Energia transcendente ao real.

GRITO: Poder-se-á estabelecer algum paralelo entre o vosso trabalho e uma ideologia musical tendente para o movimento Gótico?

R.T: Não. De forma alguma, se falas em relação ao que geralmente se pretende invocar na música Gótica. Achamos isso muito superficial. É verdade que por vezes possamos ter criado imagens sonoras parecidas, mas isso não passa de mera casualidade.

GRITO: O "non-stop" dos vossos temas, pretende funcionar como a construção de um grande tema ou foi feito sem intensão premeditada?!

R.T.: Pretende-se que funcione como um elemento hipnotizante, de forma a que o individuo se eleve a um nível superior de visualização sonora, ao "dissecarmos" um som deparamos com um universo diferente, apuram-se certas propriedades psicoactivas, essas situações são criadas de facto com intencionalidade.

GRITO: É notória uma maior elaboração no vosso trabalho. Os ensaios têm melhorado qualitativa e quantitativamente ou encontramo-nos face a um período inspirador para os Resíduos Tóxicos?

R.T.: Não, aliás cada vez menos nos encontramos menos, no entanto, valorizamo-nos pessoalmente com outras experiências, as quais nos vão sendo úteis. Qual tem sido a reacção das pessoas?

GRITO: Para sermos honestos, perdemos um pouco de interesse pelos media...existem demasiadas pessoas cujo a sua real vocação seria comerciante. Tudo passa por uma mudança de atitudes face a situações mais ousadas...

Paulo Lima.

METAMORPHOSIS

o joão acordou. ligou o rádio. levantou-se. esfregou os olhos. pôs--se em pé e caminhou. saíu de casa. ohh! trágico destino: deixou o rádio ligado. era domingo. à noite o joão regressou. eram umas duas horas da manhã. o rádio tocava teimosamente. e... o seu gato jazia morto na carpete.

TATTOOS

O sangue que corre nas veias é sinal que algo nos faz viver, assim como a tinta que corre na pele é sinal que tatuagem é uma arte que tem como galeria, os corpos que andam nas ruas.

Falando em termos evolutivos, a tatuagem moderna assenta em três diferentes linhas de acção: antes do mais e a primeira de elas, prende-se com a evolução de conhecimentos por parte dos artistas "progressistas", principalmente nos E.U.A. e Inglaterra. A segunda, deve-se ao facto dos aperfeiçoamentos dos materiais visando melhores performances, tendo em conta factores de precisão, facilidade de manuseamento e higiene, relacionados com as máquinas e questões criativas ligadas aos desenhadores e comerciantes de tatuagens.

A terceira e última, por vezes desprezada, é a vertente comercial, focando a relação qualidade / tempo de execução. Tendo esta óbvias implicações económicas nos escassos meios, daqueles que fazem e daqueles que consomem Tattoos.

Por moda, por simples provocação ou por mudança de atitude perante a arte de tatuar, é notória uma crescente adesão a estes adornos cutâneos.

Poder-se-á referenciar os States como a grande capital das tatuagens, mas muita da inovação vem do Velho Continente.

Vejamos por exemplo a The Tattoo Factory que se preocupa em estudar e criar constantemente novos instrumentos sendo também uma das maiores fornecedoras de material, nos últimos 10 anos, para o Reino Unido e resto do Mundo.

No que se prende a artistas, estes encontram-se espalhados principalmente pelas capitais: Christian (Paris), Tony (Londres), Dan (Næstved-Dinamarca), Hanky Punky (Amesterdão)... e a tendência generalizada é a crescente utilização da tatuagem como segunda pele. Já não é como há alguns anos anos atrás em que havia Tattoos particulares para Punks, Bikers, Rock - a - Billys ... Porém os indicadores provenientes dos E.U.A. apontam que a moda para os próximos 3 anos será inspirada no tribalismo moderno, conciliando o tradicional (neste caso arte figurativa Índia) com o Urbano. Linhas sóbrias que se devem adaptar às formas particulares de cada corpo. Agora não é necessário ser Rocker para se fazer uma tatuagem, se bem que Tattoo&Rock sempre encaixaram perfeitamente.

No Porto, em Lisboa e em alguns pontos do Algarve encontramos locais onde podemos decorar a pele e se quiserem escolher previamente um motivo, podem ainda recorrer à Progress Tattoo Magazine.

Paulo Lima.

SCOURGE

GRITO: Como surgiram os SCOURGE, quando se conheceram, quantos são, quem são, de onde são, como começaram a tocar, local de ensaio...?

SCOURGE: A maioria dos elementos do grupo já se conhecia e tinha pertencido a outros projectos. Daí o termo-nos decidido juntar e formar uma nova banda, os Scourge. Quanto à nossa formação, ela é de 4 elementos: Fernando-baixo; Artur"Faster"-grunhidos; Hugo- -bateria, Aurélio- -guitarra. Vivemos todos na zona do Porto e ensaiamos em sala própria, em Gondomar.

G: Tocam por prazer, passatempo ou querem tornar-se profissionais? Acham isso viável?

S: Nós tocamos por prazer, farra, gozo e pelo "chamamento do Rock" (facto que o Artur não subscreve). Para além disso não nos queremos tornar profissionais, porque quem o faz por profissão, fá-lo muitas vezes por obrigação. Como tocamos por diversão, não nos preocupa a viabilidade ou não dos Scourge.

G: O vosso estilo musical é bastante característico. Porque é que optaram pelo "Hard-Core"?

HUGO + FERNANDO + AURÉLIO: Não vemos a nossa música como "Hard-Core". Não estamos limitados a um estilo definido Somos muito eclécticos, por isso o resultado final acaba por ser o produto de tudo o que gostamos.
ARTUR: Na minha opinião o facto dos nossos gostos serem muito variados, não se reflecte tanto no som da banda. Além disto, nós não optamos pelo "Hard- -Core", de qualquer modo o que fazemos insere-se mais neste género, do que em qualquer outro.

G: Quais as vossas influências, se é que gostar de alguma coisa implica uma inspiração!

A: As minhas são muito variadas e vão desde os E.M.F., Nirvana, Faith No More até aos meus favoritos, como os Extreme Noise Terror (Godz), Napalm Death (até 89-90), Nausea (NY) e ainda outros milhares mais...
F: Quanto a mim gosto de Ornette Coleman, Charlie Parker, Electro Hippies, Cramps e Diamanda Galas.
H: Não vou dar nomes, porque gosto essencialmente de música, daí não me preocupar com estilos e ouvir de tudo um pouco. No fundo acabo por ser influênciado por esses vários géneros musicais.
AU: As minhas influências, para não variar, vão de Smiths, My Bloody Valentine, Pixies até Napalm Death, Ratos do Porão, Sepultura, Obituary.

G: As vossas músicas são em inglês. Porquê?

S: Porque soa melhor e é a língua que mais se adequa àquilo que fazemos. No entanto, isso não invalida que não as façamos em Português, num futuro próximo.

A: Eu gostava de dizer que as nossas músicas são em linguagem universal, as nossas letras é que são em Inglês. Além disso, sendo o Inglês uma língua mais universal, torna-se mais fácil a compreensão do que dizemos nas nossas letras.

G: Quem faz as letras? Estas têm algum carácter de intervenção?

S: As letras foram feitas até agora pelo Aurélio e pelo Artur. Através delas, pretendemos veicular ideias que retratam assuntos que nos afectam diariamente.

G: A música surge naturalmente ou é trabalhada consoante a letra e estruturada em grupo?

S: As letras e as músicas surgem juntas ou em separado e muito naturalmente. Nada é forçado.

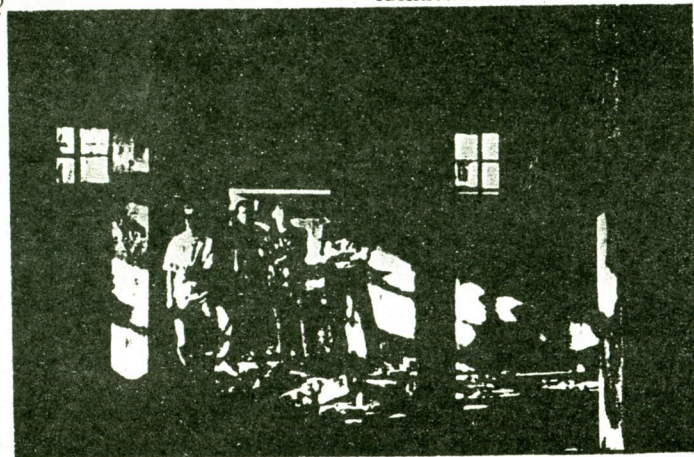
G: Vocês têm público? O que pensam dele e da aceitação do mercado Português?

S: De facto temos ainda muito pouco tempo para termos uma noção do nosso público. É no entanto natural que a partir de agora, com a saída da compilação, comecemos a ter algum. Nós não nos preocupamos com a aceitação do mercado.

G: Sabemos que recentemente participaram numa compilação ("The Birth of a Tragedy"). Como surgiu a oportunidade?

S: O Hugo Moutinho e a Raquel Pinheiro (MTM) assistiram a um ensaio da banda e acharam o projecto suficientemente válido. Tendo daí surgido o convite para gravarmos o tema "The Outcasts" em estúdio, escolhido pelo Hugo Moutinho.

G: Porque aceitaram entrar na compilação, sabendo que a maioria das bandas, aí incluidas, foge bastante ao vosso estilo. Não receiam que os menos informados confundam os SCOURGE com uma banda de H.M.?

S: Aceitamos entrar na compilação, porque nos pareceu ser uma boa oportunidade para a banda, embora corressemos o risco de vermos a nossa identidade distorcida.

A: Na minha opinião, podemos ser confundidos com algumas bandas desse estilo, mas a nossa atitude e identidade não presentes explicitamente no disco, fazem-nos diferentes da maior parte das bandas de H.M. Além disso, eu não gosto de H.M., apenas de algumas bandas de Trash/Death Metal, nem das atitudes de Rock Star e superioridade em relação aos fãs.

G: No âmbito da compilação, deram um concerto de divulgação. Como foram recebidos? Impressões? Procuram utilizar o vosso comportamento em palco para assumirem uma postura H.C?

S: O público em geral ficou um pouco surpreso, porque talvez estivesse à espera de algo mais "convencional". Achamos que de qualquer modo, a nossa prestação foi a melhor possível, assim como o procedimento dos responsáveis pelo som.
Postura Hard-Core?! O que é isso?! Nós não nos transformamos em nada especial quando subimos ao palco.
A: Eu quando estou em palco, gosto de falar e chamar a atenção para certas coisas que me preocupam e que estejam de algum modo relacionadas com as letras. Mas isso não é assumir nenhuma postura, é apenas a minha maneira de estar no palco e relacionar-me com o público sem lhe impor as minhas ideias.

G:Foi este o único concerto em que participaram?

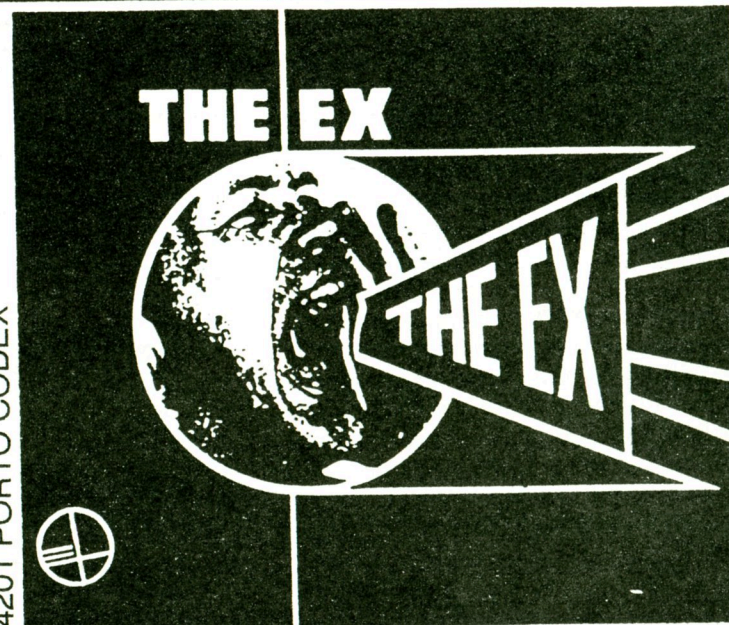
S: Não, este foi o segundo. O 1° foi em Julho, no Pavilhão da Associação dos Moradores de Massarelos.
A: Nesse 1° concerto tocamos com 4 bandas, Humor Caustico, Inkisição, Mentes Podres e os Huelga General da Galiza. No segundo tocamos com os Silent Scream.

G: Têm temas gravados ou maquetas em preparação?

S: O único tema gravado em estúdio foi o que entra na compilação.

G: Projectos para o futuro?

S: FERNANDO:...
AURÉLIO: O futuro é enigmático? Veremos...
HUGO: Tentar ser feliz e coexistir pacificamente.
ARTUR: Continuar a ensaiar para cometer menos erros...

Carlos Bértholo.

THE EX é uma banda Holandesa, que existe e resiste desde 1980, altura em que lançaram oseu primeiro disco, um 7" de nime "All corpses smell the same". Desde então, os THE EX lançaram mais de trinta discos, todos feitos com os próprios meios, sem recorrer a nada mais que uma vontade irrepimivel de fazer saber a esta sociedade automatizada, algumas das suas faces menos maquiadas. Há quem os compare aos lendários CRASS, mas os EX antes de serem uma banda Punk, anarkista e tudo o mais que se pode associar a um paralelo dos CRASS, têm uma visão internacionalista dos seus ideais, o que os leva a reflectir esse internacionalismo na sua música. É uma força que trespassa em larga escala, os movimentos urbanos, ajudada pela vivência extremamente além fronteiras da sociedade Holandesa. Daí ser comum dizer que a música dos THE EX não tem fronteiras. Eu ainda acrescentaria mais, a música destes Holandeses destroi as próprias barreiras.

Neste artigo, eu apenas pretenderei descrever um dos projectos dos EX, em 1991. Este foi, o lançamento de um 7" em cada dois meses, cada um deses discos versado num tema especifico. O resultado foram seis excepcionais peças a juntar à já extensa discografia EX. Seis rodelas de vinil, sempre acompanhadas da documentação que os EX reunem e produzem. Se tivemos em conta que no mesmo ano, em 1991, os EX lançaram o espantoso CD "Scrabbling At The Lock"., conjuntamente com o violoncelista e experimentalista Nova Yorkino, Tom Cora, será caso para perguntar se eles algumas vezes dormem.

6 SERIES

Estamos no inicio de 1991, quando é editado sob o nome de 6.1, mais um disco dos THE EX.

Incluía uma caixa para guardar os restantes sete polegadas (7"), muita informação, a apresentação do projecto em que se pretendem meter e um saco (scumbag) para guardar a tralha toda. Uma autêntica edição de luxo. Mais luxuosa que qualquer conjunto de medalhas ranhosas alusivas aos Encobrimentos Portugueses. É Fevereiro e os EX anúnciam que cada dois meses, irá ser lançado um disco de 7", para incluir na caixa e assim coleccionar os volumes da 6 SERIES. Cada disco promete assim ser uma autêntica reliquia musical e informativa, sob uma temática específica. Alerta & Arte em 6 fatias.

6.1 - Fevereiro ´91

Este primeiro 7" inclui dois bons temas: "Slimy Toad" e "Jake's Cake". O primeiro fala sobre o Sul-Africano Pick Botha e toda a sua corja, envolvendo-nos num som vicioso e hipnótico. "Jake's Cake" é um pouco menos intenso musicalmente, sendo os textos tão ondulantes quanto a música. Dois temas que juntamente com a parafernália de papeis e cartões, abrem as 6 SERIES.

6.2 - Abril '91

A segunda edição quebra qualquer tentativa de pôr os EX num campo musical fixo. Aqui temos duas composições de expressão Curda, co-compostas com Brader, u músico Curdo a viver nos Países-Baixos. A outra grande dádiva deste 6.2 é um caderno cheio de informação sobre o povo Curdo: a sua cultura, território, história, confrontos, etc...

Além deste caderno ainda há mais para ler.

De facto, quem se familiariza com a forma como os EX ilustram as suas edições discográficas, ficará habituado a uma maior e melhor relação com a música, como via de expressão artística.

6.3 - Junho '91

Toneladas de informação e dois bons temas: "Hidegen Funjnak a Szelek" (em Hungaro, significa: "Frios ventos sopram"") e "She Said". O primeiro trata-se de uma canção retirada do folclore Hungaro (mais tarde incluida em "Scrabbling At The Lock"). Um tema saboroso e que tornou este 6.3 um dos favoritos de muitos, inclusivamente eu. O segundo tema é um manifesto anti-machista, e que vem de encontro a alguma da documentação fornecida nesta edição.

6.4 - Agosto '91

Em 6.4 temos um duplo 7" que inclui quatro extrctos gravados ao vivo no famoso Jazz Club de Amesterdam, a Bimhuis. Na noite desta gravação, a 29 de Junho de 91, reuniram-se na Bimhuis além dos EX, os Dog Faced Hermans (Escócia), Han Bennink, Ab Baars,' Worter Wierbos, Herr Seele e Dorpsoudste de Jong. Tocaram juntos em contínuas sessões de improvisação, sendo os quatro extractos de ouvir e chorar por mais. Se tivermos em conta as três primeiras edições destas 6 SERIES, ficaremos cada vez mais admirados com este duplo 6.4. Sessões de música improvisada é algo que poucas bandas Punk fazem hojeem dia. THE EX representam a mais alta expressão do ecletismo que caracteriza a cultura Punk dos nossos dias.

6.5 - Outubro '91

A quinta edição desta aventura, contém um só tema original, sendo um lado do disco cantado em Holandês e do outro em Inglês. "This Song Is In English" ou "Dit Lied Is Int Engels", tem a participação dos dois cómicos Belgas Herr Seele e Kamagurka. De um humor corrosivo, este tema desfaz-nos em risos, uma vez entendido todo o hilariante texto. Facto curioso é o de a música ter ligeiras diferenças da versão Inglesa para a versão em Holandês, parecendo a música fazer-se revestir das particularidades musicais de cada língua.

Genial !

6.6 - 13° Mês de 1991

Este último lançamento fugiu à regra do formato, pois os temas tinham duração excedente para serem editados sob o formato 7". Assim neste 12" dois temas fazem--nos pensar que 6.6 é uma espécie de Auge: "Euroconfusion" e "Bird In The Hand". O primeiro trata da Europaranoia e da polémica união europeia, abordando-a de uma forma directa e expondo a outra face desta pseudo-união (sobreposição das culturas mais fortes). Musicalmente "Euroconfusion" mistura um ritmo muito bem construido e uma teia formada por cordas em histeria. O outro tema apresenta uma construção musical mais chegada de aquilo que estamos habituados a ouvir em alguns discos dos THE EX. Mas "Bird In The Hand" mantém uma faceta muito própria, quanto mais não seja pelo excelente poema que ilustra.

Assim nos vemos no final de mais uma janela aberta pelos THE EX.

Cá estamos para aguardar mais dádivas deste tipo.

Luís Moreno.

A MALDIÇÃO DA BONECA ESQUELÉTICA OU cEVIN KEY, O DENOMINADOR COMUM. MINANDO O TUMOR: PARTE I,II & III.

PARTE I : **SKINNY PUPPY**

O oitavo álbum dos Skinny Puppy, "Last Rights" é o tremendo abanão de um colapso total. O som das trevas, horrores inimagináveis e o despedaçar de um homem a todos os níveis, é aqui bastante perceptível. "É um documento de desilusão", diz Ogre; o grunhido malígno por detrás dos Skinny Puppy e dos seus esmagadores e misericordiosos ritmos techno-core, sem esquecer os raivosos sintetizadores.
""Last Rights" é básicamente uma versão de Rimbaud "Seasons in hell". O fim de certo período na minha vida, que parece um pequeno choque no meio de muita dor e confusão.".
Produzido pelo velho colaborador David Ogilvie e pelo percussionista cEVIN KEY, "Last Rights" é uma visão, um trabalho enigmático.
A mais arrasadora "audio scupture" que o grupo de Vancouver moldou até à data, e uma realização pivot, em nove anos de exorcismos sonoros efectuados em condições adversas. Dito desta forma, pode ser o último espasmo maldito dos Puppy.

Um elogio aos seus anos de camuflagem por entre sombras de sonhos e pesadelos. Será o último álbum dos Skinny Puppy ? Por enquanto, é uma questão para a qual nem Ogre encontra resposta.

Ouvindo a densa e claustrofóbica paisagem de "Last Rights", nada se resume a uma colecção de cantigas onde as respostas aparecem de forma clara. Isso é uma entidade com vida própria !

Além do mais, é uma confissão.

"Existe sempre um renascer após algumas mortes", declara Ogre.
"É ainda cedo para delinear os contornos do que irá acontecer. Se será o último disco e o começo de uma nova orientação para os três membros, ainda não sei".
Em apelidar o álbum de Last Rights, não é enterrar a banda. É algo mais pessoal. "É o produto de estar próximo da morte, de ouvir os juízos finais. Esta é a minha realidade", refere Ogre.
"Em retrospectiva, não é uma grande realidade, tal como são as desilusões pontuais empregnadas desta mesma realidade. A mesma que nem eu consigo falar. É demasiado complexa.".

O território dos S.P. foi minadoem 1983, quando Ogre e cEVIN KEY, descobriram um gosto mútuo pela desagradável "sonic". Assim, juntaram forças e gravaram a imoral cassette "Back and Forth"†. Este facto chamou a atenção da Nettwerk, uma etiqueta indie, que assinou com a banda um ano após este lançamento e posteriormente realizou o mini-álbum de estreia "Remission"; uma combinação explosiva de percussões digitais, ritmos e vocalizações subtis, que levaram os S.P. das trevas para uma enigmática notariedade.
A visão é feita carne no seu álbum "Bites" (1985); foi uma perspectiva alarmante: ver os factos humanos através dos olhos de um cão. "Tudo nos leva à imagem que cEVIN e Ogre criaram dos Skinny Puppy, esse pequeno e abusivo animal que nunca disse muito", refere o teclista Dwayne Goettel, que se juntou à banda em 1986, vindo dos Psyche. "De vez em quando, o cão tem de "gritar" e então, alguém o calará com um pontapé na cauda. Quando "isto" faz barulho, é algo que não consegues entender, bem como sentir".

Em 1986, a Nettwerk assinou um contrato, licenciando os S.P. à Capitol Records, a qual lançou "Mind: The Perpetual Intercourse". O primeiro single "Dig It", atingiu o topo das tabelas (Rolling Stone / Rockpool) ao mesmo tempo que a banda embarcava na sua primeira digressão Norte Americana com sucesso.

A primeira vinda dos Skinny Puppy à Europa, deu-se sómente um ano após a realização de "Cleanse, Fod and Manipulate", o álbum deu origem ao 12" single remix das faixas "Addiction" e "Deep Down Trauma Hounds", misturados por Adrian Sherwood.
Em 1988, com VIVIsectVI, os S.P. levantaram questões de carácter sócio- -político (anti vivisecação, etc...); mais do que nunca, a banda registou um enorme desenvolvimento e o seu som tornou-se bastante adulto, com texturas sonoras velozes, baixos robóticos e samples efectivos. Ainda neste ano (88), voltariam à Europa, onde foram acolhidos entusiasticamente, merecendo cobertura total pelos media, chegando mesmo a ser capa do britânico Melody Maker.
Os seus concertos não eram as performances típicas de uma banda, mas sim balletts de loucura, movimentos macabros inseridos em performances artísticas, auxiliadas por monitores de video e extravagantes artefactos colocados em palco, com o intuito de chocar socialmente as audiências.

Os Puppies juntaram-se em '89 para fazerem "Rabies" juntamente com Al Jurgenson (Ministry) que co-produziu bem como adicionou algum sangue e deteminação quasi- -metal através de guitarras frias e repentinas. Em 1990, "Too Dark Park" continuou nesta direcção, levando o som para lugares de pura claustrofobia, oferecendo gélidas visões de um doentio planeta.

A partir daí, os três membros da banda poderam fazer coisas que nunca tinham sonhado.
Agora, com "Last Rights" os sentimentos mutantes e negros cresceram, tornaram-se poderosos, intensificaram-se.

O seu rótulo de Electronic Body Music, remete a eventos retirados das pistas Dance-Techno-Fare Standard, mostrando-se melhor e redefinindo o que os ignorantes continuam a apelidar de "industrial".

Os Skinny Puppy são uma insistente fúria em todos os aspectos artísticos.
O seu video do tema "Worlock" (LP Rabies) foi constantemente proibido devido ao seu conteúdo violento e técnica de montagem; mas os S.P. chegaram mesmo a ser presos em Cincinnati, devido a atitudes extremas levadas a cabo num concerto. No entanto não se trata de negócio "gore"; os S.P. têm a tendência natural de quebrar a harmonia mental, não meramente com o fim de chocar, mas de mudar ou simplesmente provocar.
Porquê o uso de tanta violência metafórica ? E de um doloroso teatro de choque ? "Porque hoje, ninguém consegue chegar intacto a casa" vomita Ogre. "O doentio é que a violência é uma realidade e faz parte das nossas vidas, e nós tentamos combatê-la, não negociá-la. Quer queiramos quer não, os nossos comportamentos são motivados por ela - tu conheces o mundo como algo violento. Não é um lugar seguro. Sabes que a água já não é boa para beber mas continuas a fazê-lo todos os dias. Eu não sou uma pessoa violenta, mas julgo ser importante confrontar e chocar as pessoas, levando-as a abordar as verdades que elas têm medo de ver retratadas"
Liricamente um tema como "Love in Vein" fala por si próprio enquanto "Inquisition" e "Last Rights" navegam em questões de intensa paranóia.
O décimo e esquecido tema "Left Hand Shake" confronta a guerra interior - é tão misterioso como a sua ausência do disco, existe sómente como texto de autoria de Timothy Leary.
"Killing Game" foi o 1° video planeado para este álbum. Ogre descreve-o como uma fantasia de Cocteau tornada maléfica. Esta infiltra-se nas fantasias das pessoas e vai contra as suas realidades.
"O video culmina em dois bizarros alienígenas - cujo as veias estão fora dos corpos - arrancando os olhos um ao outro.
Denota-se um enorme ênfase em temas voyeuristas e sádicos", abrilhanta Ogre na temática sociopolítica que é além do mais o óbice nos viscerais shows ao vivo. "É necessário muito esforço para mostrar às pessoas o que o controle lhes provoca, os cancros que minam todas as nossas vidas.".

Last Rights é o acertar dos penosos nove anos dos Skinny Puppy. É o final de um horrendo capítulo e o salto para um novo fosso do terror.

Recentemente Ogre comentava: "Eu sou como uma criança olhando para o monstro no fim de um livro. Quem sabe o que trará o próximo capítulo ?".

† "Back and Forth" foi uma cassette gravada por cEVIN KEY e Nivek Ogre, limitada a 50 cópias, contendo 7 temas e datada de 1984.
Recentemente (Setembro), a Nettwerk relançou estes 7 temas + 8 temas inéditos (compostos entre 82-85) sob a forma de um CD realizado por cEVIN KEY e Hiwatt Marshal e editado por Anthony Valcic. De salientar que este CD é uma edição limitada e vem numa caixa metálica.

PARTE II : HILT

Al Nelson e cEVIN KEY actuaram juntos pela primeira vez em 1987 numa pequena banda punk chamada Illegal Youth. Entretanto cEVIN mudou-se do Canadá para o Japão e Al continuou a ventilar a sua visão sádica de homem selvagem do punk. cEVIN algum tempo após, regressado do Japão e exposto a uma loucura electrónica, formou Images In Vogue e eventualmente foi o causador do nascimento dos Skinny Puppy. Al continuava a trabalhar e formou os Flu e ainda alguns projectos menores (em 1984). Al contribuiu no entanto com alguma criatividade no trabalho visual (filmes) que apareceram nas actuações ao vivo dos Skinny Puppy.

Al e cEVIN continuavam a escrever músicas conjuntamente e eventualmente com Dwayne, criaram o choque de encontro em Toronto. Esta colaboração era uma mistura de S.P. marcado por ritmos Techno-Computorizados e o melancólico Trash dos Flu; e o resultado conduziu a uma completa loucura. Esta loucura foi baptizada de hilt e a Nettwerk desafiou-os a lançar um disco "very cheap".
O resultado foi então o 1° trabalho composto por originais e intitulado "Call the ambulance (before I hurt myself)". Com este trabalho, a banda atingiu o Top dos U.S.Import And Dance Charts, com os singles "Get stuck" e "Stoneman".

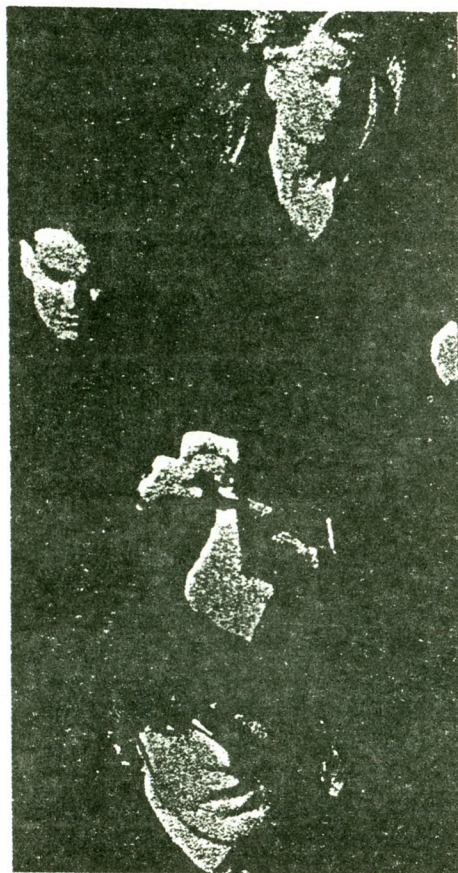
Os Hilt surgiram novamente com um EP "Orange Pony", o qual abriu caminho para um novo LP "Journey to the center of the bowl". Isto mostra que a banda não é sómente Skinny Puppy, mas uma formação com entidade própria e independente. Produzido

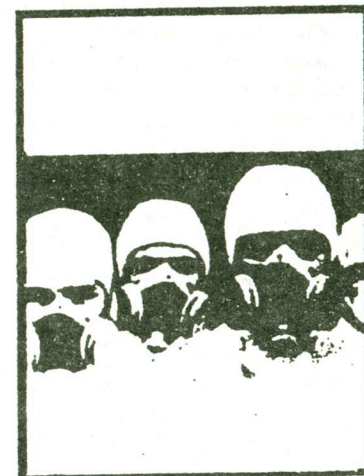
pelos próprios HILT e gravado nos estúdios Mushroom, na Primavera de 1991, cada música em "Journey...", é uma viagem individual que mistura vários tipos de sonoridades numa música "Psycho Acid-Tinged Reaggae-Rock"!!!

Join HILT on their "Journey to the center of the bowl". The voyage will be anything but predictable!

PARTE III : TEAR GARDEN

Os Teargarden são o resultado de uma colaboração dos talentos de cEVIN KEY e Edward Ka-Spel (Legendary Pink Dots - Holanda). O par encontrou-se nos inicios de 1986 quando Edward actuava em Vancouver. Desde logo houve um harmonioso equilíbrio entre os dois, a nível musical e intelectual. Como resultado cedo começaram a compor e a gravar juntos.
O 1° trabalho foi um mini-album intitulado "Tear Garden". Este foi bastante apoiado pelas rádios alternativas mundiais e recebeu acrescidas criticas pelo seu som electrónico-psicadélico.
A resposta foi tão positiva que os Skinny Puppy chegaram a convidar Edward para fazer as aberturas dos seus concertos, na digressão mundial de '86.
Aquando do regresso a Vancouver, cEVIN e Edward começaram a escrever e a gravar aquilo que iria ser o trabalho marcante de 1987 "Tired eyes slowly burning". Este focava essencialmente trilhos de música electrónica com rastos ambientais e psicadélicos.

Os Teargarden regressavam depois com novos originais que seriam o seu 3° trabalho "The last man to fly". Ao lado de cEVIN e Edward, brilhava ainda um leque de estrelas: Dwayne R. Goettel, The Silver Man, Ryan Moore, Dave Ogilvie, Martin De Kleer e De Green Guy. "The last man to fly" foi gravado em Vancouver e data de Agosto de 1991.

CIBERNÉTICA

A máquina desde sempre, criou no Homem um sentimento tão angustiante, quanto as implicações sócio-económicas que advém da inclusão desta no ciclo produtivo; retirando ao Homem o Trabalho => A acção de produzir, exercer uma actividade, o activo, o laborioso.
Porém, paralelamente a esta visão puramente humana, existe aquela vertente sensitiva que nos conduz a belas paisagens semi-caóticas enquadradas algures num século encoberto de nuvens de carvão e cavalos vapor energicamente provocados, almejando a instauração da produção massificada; mais tarde standardizada!
Neste processo evolutivo é bem patente a utilização do número como forma de resolver os problemas práticos. Mas só no século XX a união número / pensamento se mostra solidificada pela cibernética.
Friamente, esta poderia ser descrita como a ponte de relações entre o homem e a máquina. No entanto, atinge uma amplitude tão vasta que entra em questões de cariz técnico da automatização da produção, até aos problemas filosóficos, biológicos, económicos, psicológicos, estéticos... que podem daí surgir.
"Esta ciência, cujas aquisições lembram um conto de fadas..."
Usualmente, o nascimento da Cibernética como ciência, data-se de 1948, aquando da publicação de "Cibernética ou regulação e comunicação no animal e na máquina" de Norbert Wiener. No entanto, a palavra Cibernética já havia sido utilizada à 80 anos por Maxwell (físico Inglês) para precisar o "estudo dos mecanismos de repetição". Mas recuando ainda mais no tempo, o físico e filosofo Francês Ampère, já a utilizara há umas boas dezenas de anos atrás, atribuindo-lhe a máxima de "assegurar aos cidadãos a possibilidade de usufruir plenamente as benesses deste mundo". Mas já muito antes, Platão havia usado a palavra Cibernética (em Grego *Kubernêtês*-piloto) para aludir a "arte de dirigir os Homens.".
Actualmente a palavra cibernética enfrenta um problema de contexto aquando da sua aplicação. Podemos falar da Revolução Industrial, podemos ver o Metropolis ou 1984, podemos ouvir música processada por computador (Michael Obst, Paul Hansky...), mas o que interessa é procurar o denominador comum que nos possa levar a uma análise sistematizada das variadas implicações que advém do falar, ver, ouvir e sentir... Para tal, a informação e a sua transmissão, acumulação e utilização adquire um elevado nível de análise matemática, probabilistica e de automação.

CIBERNÉTICA & MÚSICA

Relativamente da aplicação das máquinas à arte, há alguns anos atrás tudo era ainda um pouco obscuro e se falar-mos ciberneticamente, muito se tem vindo a alterar e hoje em dia em relação à arte musical é evidente a constante recorrência às máquinas geradoras de sequências sonoras e melodias à medida da imaginação humana.

Mas o espanto absoluto deu-se em 1961 em Leningrado aquando do IV Congresso Nacional dos Matemáticos Soviéticos onde o Dr.R.Zaripov, aproveitou a ocasião para apresentar uma amostra de melodia composta electronicamente pelo pequeno (apenas 100 operações por segundo) processador "Ural".

Arte e Cibernética...hoje em dia já quase não faz sentido falar nesta questão, dado ser algo tão evidente. No entanto, poder-se-á "confiar" a uma máquina o cuidado de compôr música, pinturas ou mesmo poesia? E porque não?!

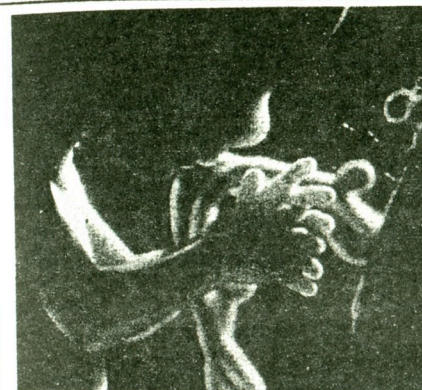
Calliope tem este "dom" cibernético de escrever poesia e ponho dom entre aspas pelo facto de Calliope ser uma máquina criada por ciberneticistas franceses. O mesmo acontece em Harvard (E.U.A.) na elaboração cibernética de hinos e cenários para filmes e peças de teatro.

Um dos marcos fundamentais dos primórdios da música cibernética foi sem dúvida alguma o quarteto de cordas "Sweet Illiak". Mas, levanto novamente a questão. Será licito ao acaso de uma máquina a tarefa de criar pelo Homem? É claro que visões futuristas de um Homem submisso ao poder da máquina já não fazem hoje , parte, dos pesadelos colectivos da sociedade industrializada, ou melhor da sociedade micro-informatizada. Pois actualmente encontra-se em segundo plano (em termos de desenvolvimento) os países industrializados, já que o poder valorizado não se encontra no material mas no conhecimento e acesso à informação. Deste modo a cibernética mostra-se oportuna mais do que nunca.

As visões cyber-punk ajudavam artisticamente a uma valorização da máquina como um prolongamento do Homem, e que não o ultrapassa mas complementa-o, pois é um produto do Homem feito à sua medida. Tal como Deus fez o Homem, o Homem fez a Máquina, mas esta jamais será superior a ele.

Win Wenders explorou o cyber num universo que conquistou aquilo que o Homem queria - os Sonhos - mas os Sonhos jamais podem alienar o Homem à Máquina, a sua rebelia e insubmissão levam-no à destruição e George Orwell soube retratá-lo tão bem que a Apple usou 1984 como exemplo para retratar um anúncio aos seus computadores, feitos pelo Homem e para uso deles numa perspectiva cibernética (filosófica, artística...).

A Máquina jamais poderá dominar o Mundo!!!

Paulo Lima.

CIBERNÉTICA LOUCA

Nada é realmente decisivo, num sentido definitivo. Recomendo sempre uma segunda leitura das mensagens. É assim que fazem os profetas. A energia adicional provoca a consciência existente nos homens e que só por vezes parece ser possível nas máquinas.

"Uma estranha e maravilhosa máquina está pousada por cima da areia do mato e das lagoas. O sol ilumina o horizonte distante no mortiço advento da madrugada. Pelicanos castanhos sobem dos seus ninhos e voam em formatura sobre a cidade. Faltam T menos cinquenta e quatro segundos para as luzes redobrarem de intensidade. A máquina sabe-o!

Os ritmos circadianos dos habitantes foram ajustados aos ciclos de sono-repouso planeados para 84% de produção. 16% morreriam antes da vinda da manhã.

A complexa mente de 14m de perímetro biossintética operava as informações finais dos satélites cada anan sègundo, os contactos primários estavam a finalizar e a máquina limitava-se a esperar.

Anos de preparações gerais ficaram para trás e o longo e repetitivo operar reacções específicas acabou. Depois, na espessa e abafada noite as ondas alfa acabariam por mimificar as criaturas que lhe teriam que servir.

A máquina demora-se a olhar, reflexivamente para a cidade - a única visão sem pressas que terá de um mundo que hoje acaba.Os homens já não se vestirão como bravos matadores, já não comerão cerimoniosamente bife com ovos em frente a uma televisão.

Hoje a seguir a um pequeno almoço elementar, irão passar o tempo a criar energia, mais memória, periféricos móveis, barras de compostos alimentares, mais humanos. As carteiras e coisas pessoais serão recolhidas para ficarem guardadas, juntamente com vistos pré-concedidos prontos para serem rapidamente entregues noutros países a conquistar.

Os homens deixarão os aposentos sem desperdícios como sorrir, acenar, acabou-se a impaciência.

Dois sistemas independentes e redundantes fornecem ar sob pressão comparável ao antigo ar da Terra ao nível do mar e aquecem-no, refrescam-no e fazem-no circular. Três sistemas de geração de energia independentes e redundantes combinam em células de combustível hidrogénio e oxigénio armazenados criogenicamente, para produzir com segurança electricidade e, como sub produto, água abundante e capaz de se beber.

Esta era Gaulmedes, a maior e mais brilhante compensadora do sistema solar.

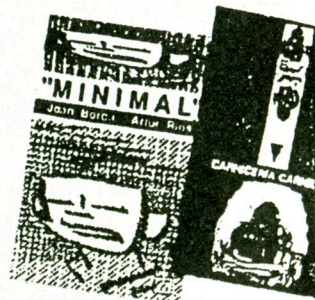
Tempo! Fazia malabarismos com o tempo. Símbolos como blocos de energia, manipulava a energia como sinais discretos. Tempo e tensão: a tensão é igual à fonte de energia. Energia mais oposição é igual a aumento de energia. Para reforçar uma coisa, há que opor-se- -lhe. Aumento de energia mais oposição produz (tempo/tempo) novas identidades".

Por mim prefiro computadores que se enganam na tabuada!

Carlos Bértholo.

GRABACIONES GÓTICAS

Apesar dos seus oito anos de existência e de já ser bastante conhecida em terras lusas, a Grabaciones Góticas é talvez a editora da Península que melhor compreendeu que as modas são efémeras. Assim, soube contornar a situação com um espírito aberto à própria evolução musical Espanhola. Só assim foi possivel sobreviver e dar luz a trabalhos que obscuramente nos seduzirão.

Agora que a música Gótica parece entrar na critica fase da extinção, a tal que afecta também bandas outrora carismáticas como as Sisters of Mercy ou mesmo The Mission (para evocar as mais populares!), existem ainda projectos que permanecem bem vivos, graças à imaginação e inovação. Factores estes que já há muito tempo foram esquecidos por um Eldricht ou um Hussey. Mas para o caso, nem há necessidade de evocar tais senhores perdidos algures num passado longínquo. A questão prende-se aqui com a

Grabaciones Góticas, editora / distribuidora espanhola, que tem como principal critério na escolha das suas bandas, os gostos pessoais dos seus membros fundadores.

Esta etiqueta a exemplo de tantas outras, limita-se a editar pelo prazer de levar aos outros, trabalhos que de outra forma seriam quase desconhecidos, mas não menos importantes ou válidos. A etiqueta não é forma de vida para nenhum dos seus membros. Factor este que implica também nos pressupostos e liberdades editoriais, quer se trate no lançamento de cassettes ou de discos.
Agora que se dá importância redobrada o Rock'n'Roll e às fusões sonoras, as músicas outrora apelidadas de obscuras, vão sendo cada vez mais desprezadas e desacreditadas. Quem ainda confia na criatividade aliada a atmosferas Góticas, Ambientais, Minimais Dark, Industriais...bem pode recorrer aos títulos (quase na sua totalidade espanhois) editados e distribuidos pela Grabaciones Góticas.

"-Enciérrate en tu cuarto, apaga la luz, échate en la cama y adéntrate en las Grabaciones Góticas..."

É bastante notória uma forte componente ideológica que rege toda esta movimentação musical que junta o religioso com o electrónica, o minimal com o radical e a morte com a vida.
De entre 18 cassettes catalogadas (2 compilações + 1 recém editada em duplo formato) todas elas com elaboradas apresentações, poder-se-ão destacar os vários trabalhos (mais concretamente seis) dos Los Humillados, bem como a compilação " Grabaciones Góticas sampler ", que abrange paisagens que fácilmente poderemos identificar com os Cocteau Twins, This Mortal Coil ou mesmo com a onda Industrial, passado ainda pela poesia sonora de Joan Borda.

Relativamente a edições vinílicas, a G.G. lançou 1 LP e 2 EP's, um dos quais em co-edição com a já extinta Facadas na Noite - Braga ; figuram neste os Portugueses Hist e Rua do Gin.
Existe ainda a Betania Records, uma alternativa da G.G., que se propõe a editar projectos Punk, Rock e outras músicas "mais convencionais".

Ainda no âmbito de apoio, a Grabaciones góticas, distribui trabalhos de autores que estéticamente se enquadrem na imagem da editora / distribuidora. Encontramos aqui videos, livros, cassettes, discos...
De salientar no entanto o EP " El Frenesi " dos Gothic Sex - provenientes de Zaragoça - um trabalho deveras interessante que contém três temas dignos de uma comparação ao melhor dos Alien Sex Fiend e Christian Death. Ponto negativo é o grafismo já algo demodé, bem como o artesanal poster que acompanha o disco.

Finalizando esta breve recorrida ao catálogo da Grabaciones Góticas, termino, com o apontamento àcerca da distribuição de material Português da, já referida Facadas na Noite, e dos bizarros discos de música sacra da Abadia de Monserrat.

Paulo Lima.

JESUS & MARY CHAIN

Quem são os JESUS AND MARY CHAIN ?

Será que é aquela banda de que toda a gente fala apenas do lado negativo ?

Pelos vistos pouca gente conhece a realidade das coisas.

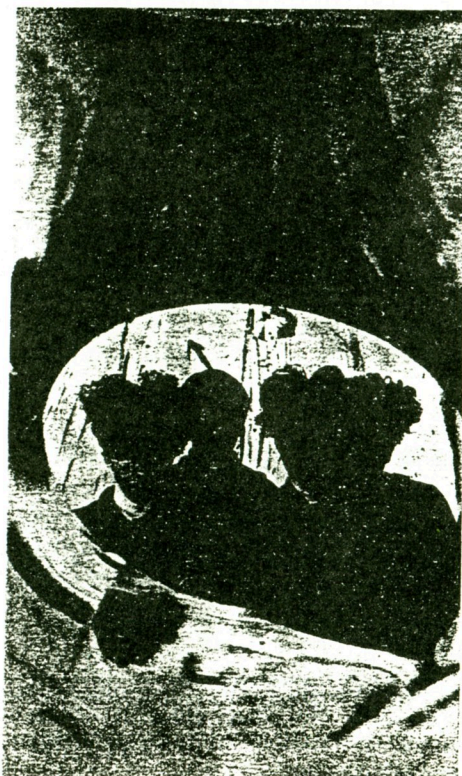
James Reid e William Reid nunca saíram de casa devido à morte dum Joey, ou seja nunca existiu um canário chamado Joey....tretas !!!

Jim e William em 1980 viram-se num beco sem saída, ambos tinham caído na teia do desemprego. William Reid, nascido em 1958 em East Killbride, trabalhava juntamente com Jim (1961), numa fábrica de embalar carnes. Com cinco anos de casa,resolveram abandonar o emprego para formarem uma banda.

Nos princípios de 1980, Jim e William ficaram em casa a imaginar o que depois se tornaria os JESUS AND MARY CHAIN. Entre 1980 e 1982, não saíram praticamente de casa : " Só para comprarmos batatas fritas, cerveja, e ocasionalmente levava o meu cão Patch a dar uma volta ao bairro, ou então andava de bicicleta...". Jim Reid disse também : " Os nossos pais julgavam- -nos doidos, mas sobretudo eram tolerantes... ". Dois anos sem praticamente saírem de casa deixou a vizinhança a matutar !

Eles eram considerados os "WEIRDOS ", sempre que saíam à rua apressavam-se a voltar para casa. Jim e William eram os bombos da festa em East Killbride.

" Linda a nossa irmã, sempre foi diferente de nós, e logicamente fartavam-se de lhe perguntar o que é que nós fazíamos lá em casa. " - Jim (1984).

Depois de tudo o que passaram, desde criar o som da banda, o visual, etc...,Jim e William fizeram uma "two man demo" intitulada "The Poppy Seeds", e não "The Death of Joey" como já li num jornal português. A demo continha os temas "Sowing Seeds"; "Something's Wrong", entre outros, alguns inéditos até hoje.

A demo foi motivo de galhofa, pois ninguém queria ouvi-la : " Isto é música ?!! AH !!!!!! "

Jim e William nos finais de 82 acharam que deviam continuar apesar daqueles insultos e piadas que até ali tinham recebido.

Jim foi buscar um amigo de escola chamado Douglas Hart, e Murray Dalguish respondeu a um anúncio, integrando a bateria.

Com uma voz, uma guitarra, um baixo de três cordas e uma bateria vulgar começaram de imediato a ensaiar.

Ninguém os quis a tocar em East Killbride ou Glasgow, por isso desconheço algum concerto deles em 1983. Em 84, ainda conseguiram dar alguns concertos em East Killbride e Glasgow, mas foi a continuação do fracasso.

Os manos decidiram mudar-se para Londres e foi aí que tudo começou...

Após um concerto no Ambulance Station, um fulano chamado Alan Mcgee adorou-os e insistiu em falar-lhes. Tinha uma editora recém formada e queria ser o " manager " dos JESUS AND MARY CHAIN.

Murray Dalgish zanga-se com os manos e volta para East Killbride. Um amigo de Alan Macgee chamado Bobby Gilispie, que cantava numa banda chamada PRIMAL SCREAM, preenche o lugar.

" Virei-me para o Bobby e perguntei-lhe se estava interessado em tocar bateria para nós. Ele respondeu-me que não sabia tocar bateria.Respondi :Good you are qualified !"

Foi aí que os JESUS AND MARY CHAIN, só agora conhecidos pela malta, surgiram com um contrato discográfico com a CREATION.

Bobby deixou os PRIMAL SCREAM e o grupo parou.

Em Agosto de 1984, "Upside Dwon" surge, um 7" que contém "Vegetable Man", uma versão de Sid Barret. A 2ª edição contava ainda com uma versão demo de "Vegetable Man", para além dos outros temas.Após este primeiro período, os JESUS AND MARY CHAIN, deram origem a uma das melhores bandas do mundo, senão à melhor.

Os JESUS AND MARY CHAIN receberam muitos rótulos, foram proibidos nas rádios,etc...

No fundo apenas uma pessoa era responsável pela imagem da banda : Alan Mcgee! Queria que eles fossem a reencarnação dos SEX PISTOLS...

Em 1986 despediram Alan Macgee. Assim emanciparam-se,e tornaram--se eles próprios.

Em Dezembro desse ano Lauren, uma rapariga francesa, namorada de Jim Reid, passou a ser a manager deles. Eis a razão da mudança de imagem. Alan Mcgee dava entrevistas usando o nome de Jim ou de William, pois o que interessava era a polémica. Prova flagrante aconteceu aquando da ida dos JESUS à Bélgica de propósito para um programa de televisão.Durante a actuação, o cenário foi destruído e Bobby estava praticamente a ter uma relação sexual com uma adolescente belga presente no público. Atitudes tipicamente primárias. Alan queria isso, incentivar à anarquia. Depois da actuação eles recusaram uma entrevista.

Passado uns tempos chegou a versão do produtor à Inglaterra. "Alan Mcgee disse-me para eu dizer que destruíssem o cenário. Quanto ao baterista, ele estava apenas a beijá-la, se aquilo é ter sexo, bem, não sei..." -Jim.

A máscara estava a ser destruída. Já não havia "riots" nos concertos dos JESUS, davam entrevistas e mostravam-se simpáticos para tentar desfazer a imagem de malucos. Foram considerados cisudos, entre outras coisas...

THE JESUS AND MARY CHAIN foi o sopro que deu vida a muitas e variadas bandas. Os seus primeiros imitadores foram os "MEAT WISHPLASH'S" vindos também de East Killbride e copiavam em pormenor os JESUS. Os MEAT WISHPLASH'S acabaram em 1986, mas antes do seu fim passaram umas noites inesquecíveis. Em Agosto e Outubro de 1985 voltaram à Escócia, na companhia dos JESUS, e deram alguns concertos em Glasgow e na sua cidade natal.

As pessoas que anteriormente tinham ridicularizado Jim e William, eram agora os seus principais fãs.

Os JESUS ainda produziram o 7" dos MEAT WISHPLASH'S, LP que marcou a carreira da primeira banda cópia dos JESUS.

Na minha opinião, os JESUS AND MARY CHAIN foram a melhor banda do mundo de 1985 a 1989. Após ter visto o concerto de Leeds- (19/09/90); Lisboa-(24/04/92) e Porto-(25/04/92) e ter ouvido praticamente toda a sua carreira, continuo a desejar Long-Life to Jim, cause the world will live forever crying between trees, stretching for the cristal skies of the ocean of THE JESUS AND MARY CHAIN.

Vivam também os seus fãs!!!

Carlos Santos

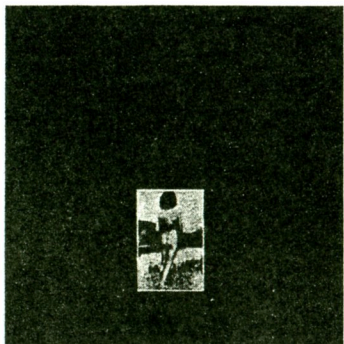
PIGTURE DISC

Pigture Disc foi fundada à 8 anos por Dirk Jessewitsch e Tim Buktu (musicos e activistas bem conhecidos na região de Wuppertal e Colónia). Esta começou inicialmente por ser a editora dos The Cruisers, bem como sómente do Rock-a-Billy, até ao momento da entrada de Dirk no "Rockbüro" e assim a editora tal como ele enveredaram por caminhos mais experimentais. Algum tempo depois, Tim abandonou-o e Klaus Gebauer juntou-se à companhia de Dirk em '89, produzindo Ralf Falk, Kinghat, Pistoleros e o "sampler" Mouth Can't Spell. Talvez este ano seja o fim da Pigture Disc pois Dirk juntamente a elevados custos de produção, teve também muitas frustrações!

A etiqueta Pigture Disc, não se resume sómente a um divertido nome e principalmente logotipo, que não é mais do que um estilizado e adorável porco. Mas, a razão de ser da P.D., prendeu-se com a necessidade de criar os meios necessários para a divulgação de determinados projectos musicais de certa forma alternativos, em relação às rotineiras sonoridades que se vão criando com cada vez menos imaginação. Assim, cumprindo este pressuposto, os The Cruisers vieram inaugurar o projecto editorial da P.D., com o 7" "Mr. Songwriter", aliás registo que foi também estreia vinilica para os próprios Cruisers.

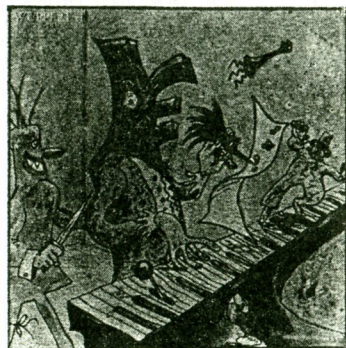
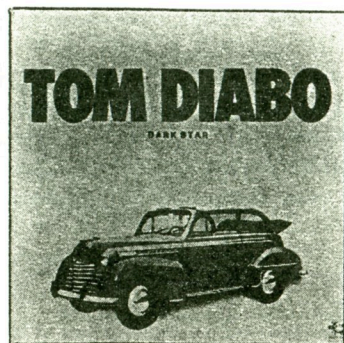
Em '86 surge a 2ª referência do catálogo, novamente consagrada aos The Cruisers. Desta feita com o 2º single da banda ("Weihnachtsmann") que foi planeado para sair no Natal e com uma boa dose de gozo e ironia, uma faceta desta banda Rock-a-Billy Este trabalho contou com a participação artística de Eugen Egner, que é actualmente um dos mais importantes cartoonistas alemães, trabalhando inclusivé para revistas como a "Titanic" e para produções televisivas. Em '87 é a vez de "Cry for More", gravado ao vivo sem truques nem overdubs: a estreia em LP para a banda Rock-a-Billy alemã, mais notória pelo seu poder persuasivo em palco e originalidade.

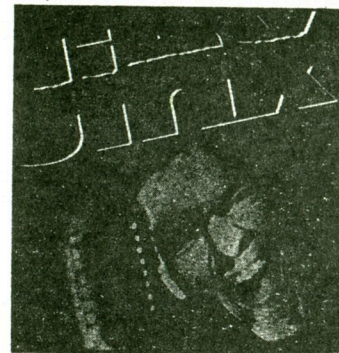
É sem dúvida, a banda mais texana da Alemanha. Ouvir este disco de olhos fechados é como participar no concerto que o originou.

Ainda em 87, em Maio, é a vez dos Cheap Gringos - formados em '85 em Espanha - verem editado o 7" EP "Move Right Out". Este apresenta um Rock rápido e melódico, situado algures entre os Velvet Underground e os Roxy Music. Dark, expressivo, rugoso e hipnótico,mas dançável. Boas vocalizações, um sax delirante e uma secção rítmica inesquecível ... Em Julho do mesmo ano sai o 7" EP "Playin'favourites" de Sunny Domestozs, um projecto formado nos inícios de '85 por Tex Morton que toca actualmente nos Psycho Lüde & Die Astros. 150 concertos por ano por toda a Europa, fazem deles uma banda Rock-a-billy profissional. Os Sunny Domestozs participaram ainda em várias compilações e programas televisivos, demonstrando sempre uma atitude jovial e simpática. "Playin'favourites" é o single que segundo a banda, nos trás temas de cariz mais tradicional. Em termos editoriais a seguinte referência (6ª), é talvez um dos trabalhos mais interessantes lançados pela P.D.. É ela o LP homónimo dos Fleur dU Minimal, que é também distribuído na Grã-

Bretanha pela Recommended, nos EUA pela RRR e em França pela Odd Size. Os temas deste LP têm a particularidade de não terem sido originados por sintetizadores, samplers ou computadores - por mais estranho que pareça! "Fleur dU Minimal" foi produzido com bastante ironia e humor, requerendo atenção como um álbum conceptual; gravando sons ordinários do dia a dia e misturando-os num emaranhado, permitindo ao ouvinte redescobrir o mundo Natural e/ou Acidental, ruídos da nossa realidade misturados num enorme aglomerado barulhento e extasiante. "Fleur dU Minimal" acolheu críticas bastante positivas por entre comunidades de intelectuais e adeptos de novos sons (poderse-ão apelidar "vanguardistas"!) um pouco por todo o mundo.

De seguida eis que surge o 7" "Draussen Im Wietall" desta feita por parte dos Die Liftboys. Banda formada em 86-87 tendo como antecedente o projecto Punk Hass. Estes surgiram da necessidade de desenvolver uma atitude divertida e completamente diferente da até então imagem Punk. "Draussen Im Weitall" é um single de desprezo pela música pop do momento bem como às tendências de marketing que promovem tudo o que é estúpido e desinteressante. Nos inícios de '88 os Hass foram reformulados, mas frequentemente são realizados concertos divertidos, por parte dos alternativos Liftboys.

Ainda em '87, é lançado o LP "Wuppertal-Sampler". Uma compilação de artistas locais, que estão na fronteira entre a Pop e a música Experimental. Gravado nas mais diversas circunstâncias, este sampler enquadra-se num ambiente "underground", punk e vai mesmo até à nata da vanguarda de Wuppertal - cidade natal de Pina Bausch, Peyer Brötzmann e Kowald entre outros...

Gravado também em '87 foi ainda o 7" EP "Pistoleros" dos Pistoleros e a referência seguinte coube a Tom Diabo (aliás Thomas Eicke) com o lançamento do LP "Dark

Star". Tom Diabo morreria alguns dias após a realização deste trabalho, caracterizado por uma doentia melancolia, talvez produto do cancro que o acompanhou até à morte.

O Pigture Disc 011 foi o LP "Who's Foolin'Who" dos Jinx. Disco de puro R&R e R&B seguido por outro LP ("Cruisers on Top") dos já abordados The Cruisers.

Já em '89 aparece um trabalho cow-trash por parte dos rockers Pistoleros, intitulado "Ein Mythos Wirklichkeit" e logo a seguir (Nov.'89) eis "Tunnel Back" (LP) dos Kinghat. LP caracterizado por um som psycho-funk mesclado com uma excessiva energia de elementos sonoros provenientes do Funk, Jazz-Rock. Beat e Punk.

De seguida e talvez o melhor LP do catálogo, vem uma compilação que bem pode ser uma mostra do melhor que se vai fazendo na Alemanha em termos de novas sonoridades. Aqui somos confrontados com projectos já conhecidos, entre os quais, os Sektor, Josef Boys, Mynox Layh, Dino Oon, Konrad Kraft... realmente, este LP "Mouth Can't Spell", bem pode ser considerado uma pérola das compilações caracterizadas pela atitude de "home recording".

Finalmente a P.D. brinda-nos com "Ralf Falk All The Blues Concept". Um LP impregnado de toda a magia que transborda dos Blues.

Pigture Disc é uma editora versátil, na medida em que de uma forma consciente e equilibrada, consegue chegar a um público diverso, sem nunca deixar ficar por terra a qualidade de aquilo que edita. A sua sobrevivência depende de um pouco de todos nós.

Paulo Lima.

Fotografia gentilmente cedida por Paulo Ribeiro-Projecto Silicone

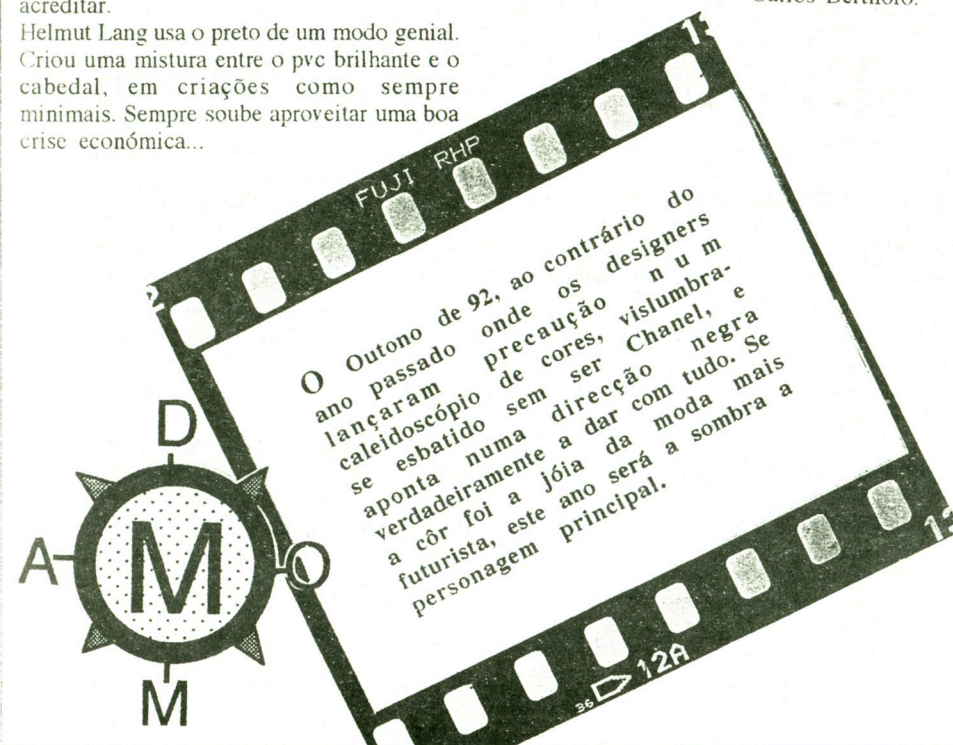
Decididamente as ideias renderam-se ao tilintar das máquinas registadoras, pois volta-se atrás para assegurar mais um bom índice de vendas.
Os franceses e os japoneses claramente adoptaram o regresso ao preto básico. Yohji Yamamoto até preferiu ser prático !
O debate dos comprimentos desapareceu, já que as saias são mais longas que nunca e os casacos à medida que a recessão continua tornam-se unissex.

Como se não estivéssemos fartos da linha andrógina, a volta dos macacões obriga ao uso de "belos" acessórios, exaustivamente folclóricos,com bolsos pingados ou rotos a imitar calças rasgadas dos ídolos juveniis.
As alternativas são poucas. Mas é de salientar o estilismo inglês, que promete recuperar o visual punk. Cabelo rosa, acessórios prateados e uma pintura facial pesadamente negra são as propostas de Des Garcons. Linda Evangelista como rainha punk da zona, tem que ser vista para se acreditar.
Helmut Lang usa o preto de um modo genial. Criou uma mistura entre o pvc brilhante e o cabedal, em criações como sempre minimais. Sempre soube aproveitar uma boa crise económica...

Os usualmente refrescantes J.P.Gaultier, V.Westwood e V.Leroy, agora tornaram-se praticamente insuportáveis com interpretações cubistas da patetice de Hollywood e do Espírito Europeu. Vermelhos berrantes e rosas em gráficos ou padrões, que criam peças chiques e práticas, já deram o que tinham a dar, embora o preço seja bastante convidativo.

Em suma a mensagem quer dizer que ser sexy não significa expôr ridiculamente todas as carnes do corpo, e a chave do sucesso passa por essa compreensão. Se não entendeste, finge que sim, e tapa-te!

Carlos Bértholo.

O Outono de 92, ao contrário do ano passado onde os designers lançaram precaução num caleidoscópio de cores, vislumbra-se esbatido sem ser Chanel, e aponta numa direcção negra verdadeiramente a dar com tudo. Se a côr foi a jóia da moda mais futurista, este ano será a sombra a personagem principal.

SILICONE

GRITO: Existe algum determinismo lógico para a adopção da denominação de Silicone?

SILICONE: Determinismo lógico não diríamos...mas quando adoptamos essa denominação julgamos fazer sentido ter um nome que nada dissesse de especial mas que corresponde-se a certas características inerentes às nossas ideias musicais: a simplicidade, a liberdade estética e até mesmo a falta de sentido...Neste momento quase que o detestamos. Passou a parecer-nos inadequado, inestético e de mau gosto.
O ideal para nós seria ter um nome que ilustrasse cada uma das nossas fases...mas, até agora, e mesmo neste pequeno circuito de divulgação, achamos conveniente sermos reconhecidos em trabalhos posteriores.

G: No vosso projecto é patente uma (por vezes bastante) atitude "kitsch"-confrontar a letra de Terra Onde Nasci (popular/saloia)- será este facto causado propositadamente como cri´tica (ou elogio!) ao nobre povo Lusitano ?

S: Não,não se trata de criticar nem sequer de elogiar o nosso povo amado. Trata-se apenas de uma pequena homenagem a um grande poeta saloio, o José Crispim, que nos tem inspirado deveras na nossa intensiva procura das raizes de que somos côves (à beira mar plantadas)... As nossas angustias, os pecados dos outros...está tudo aqui...sem lingerie nem outros corantes dos aviários regionais corando as nossas pálidas faces europeias.

G: Poderemos considerar o projecto Silicone como um projecto Punk que utiliza várias fontes sonoras que vão para além dos três típicos acordes ?

S: Sim, é possível ver as coisas desse modo, mas apenas se as observarmos de um prisma pouco habitual a esse estilo, ou seja, não pelas características dominantes no campo musical mas pela atitude puramente anarca no sentido de liberdade e aversão aos hábitos que se observam nas sociedades modernas... Com as suas artes de supermercado, os seus silicones e as suas fardas caninas.
Musicalmente estamos, como é óbvio, no lado alternativo do estilo...de outras cores e outras maneiras de exorcizar os mesmos receios e ódios.

G: O tratamento gráfico do vosso material é algo rude (motivos infantis contrastando com negras fotocópias). Pretendem com isso estabelecer algum paralelo com a vossa atitude sonora ?

S: Sem duvida! Esse artistazinho que aí vêm sentado, copo de vinho na mão, com esse ar de visionário, a viver a intensa paixão de estar deslocado, cheio de sonhos e longe das preocupações vulgares. Erros voluntários que só a um espírito infantil se permitem.
É em parte imagem daquilo que sentimos e daquilo que achamos estúpido nos outros e que nos faz rir nas mais curiosas situações.

G: Musicalmente, as vossas colagens sonoras, quase que surrealistas, devem-se ao facto de um enorme senso de humor ou à tentativa de provocar um acidental ouvinte ?

S: Pelo menos a nós só nos consegue provocar uma enorme vontade de rir... estas caricaturas Latino-Americanas de auréolas fluorescentes (daquelas que se usam nas feiras em noites de Verão) são apenas mais um tipo de personagem que usamos para nosso divertimento.
Esses "acidentais ouvintes"... poderão começar a enviar cassettes com pragas rogadas para usarmos em trabalhos vindouros.

G: As vossas fontes sonoras são por vezes (uso de ritmos pattern de pequenos orgãos) ousadas. Será este facto deliberado ou será devido a uma escassez de meios técnicos ?

S: É na verdade uma opção artística. Usamos nos nossos temas aparelhos simples que transmitam uma ideia mais aproximada ao ambiente rude e deliberadamente imaturo que tentamos transmitir. Faz portanto parte do nosso teatro esse anti-profissionalismo aparente, o que não quer dizer que tenhamos todo o material que desejariamos...

G: Como se posicionam no panorama musical Português? Qual a razão de Portugal ser tantas vezes invocado nos vossos temas? E Lisboa? Há alguma razão sentimental ou é somente escárnio e maldizer ?!

S: É bastante difícil responder a este tipo de questões. Na verdade raras vezes nos interrogamos àcerca do nosso posicionamento no panorama musical Português, talvez porque nem nós próprios sabemos bem onde nos colocar. No entanto, e observando alguns catálogos, poderemos dizer que estamos no campo alternativo.
Quanto a Portugal e Lisboa... bem é apenas uma pequena ironia. Trata-se de ironizar sobre os megaconcertos, nada mais. Não há aqui lugar para ofensas ou "ataques" à capital.

G: O futuro como se apresenta hoje?

S: Contraditório mas sorridente...
A condição a que nos obrigam como pessoas não corresponde aos nossos planos no campo musical, mas teremos tempo...

G: Para terminar, têm algo mais a acrescentar ?

S: Bem, temos apenas a informar que o projecto já iniciou uma nova fase em que a denominação de Silicone foi substituida por uma outra (Two Houses In A Tree) que tem muito mais a ver com o nosso gosto...apesar de continuarmos sem conseguir atribuir-lhe grande lógica...
Trata-se apenas de uma imagem que nos agrada...tem algo de natural que cativa por estar isenta dos artifícios citadinos que tanto sufocam o espirito de liberdade. É uma imagem tosca que lembra a inocência e um modo de viver à parte desse constrangimento social. É como se fosse um corte definitivo com o embrião que nos liga.

Paulo Lima.

ENTREVISTA REALIZADA VIA CORREIO, FECHADA EM 92.10.21.

NÓS AVISAMOS

Daqui a algumas semanas sairá uma nova cassette do projecto German Sex - Viseu. Filipe Félix, Junta da Carreira - 29 - 1°, 3500 Viseu.

Do outro lado do Oceano, a FGL Productions está a editar cassettes baseadas em mix'es de populares temas de techno dance da actualidade. A novidade, está em se poder encomendar estas misturas à medida do gosto de cada um. Obrigatório para DJ's e adeptos da Dance Music. Cópias e pedidos devem ser feitos para Fernando dos Santos, 821-823 Adams Ave., Elisabeth, New Jersey 07201, USA. Juntar $2.00 por cada cassette.

Os Ode Filipica lançarão brevemente "Odês Verbum Deus". Ainda para confirmar se em LP ou em CD.

Já saiu a 2ª maqueta dos Actvs Tragicvs "Jeune Fille", contendo 8 temas originais. Também os Cello lançaram a sua 1ª maqueta contendo 4 temas também originais. Rua Machado de Castro, 198, Marisol, 2825 Monte da Caparica.

W.C.NOISE

GRITO: Façam um breve historial do grupo.

W.C.NOISE: A banda formou-se mais ou menos em Março de 90, com a seguinte formação: Rudolfo (eu) na guitarra, o Paulo também na guitarra, o Berto no baixo e o Miguel na bateria. O Berto saiu pouco tempo depois e o Paulo passou para o baixo. O Nando entrou mais ou menos no inicio do Verão, para a voz. Foi com esta formação que demos o 1° concerto, dia 1 de Setembro de 90, com os Hardness.
No dia 2 o Miguel saiu da banda porque foi para a tropa. E o Pedro, que já tinha a alguns ensaios, entrou para a banda logo A seguir à saída do Miguel. Esta formação mantem-se. Já tentamos inserir mais um guitarrista mas não resultou. Para onde vamos... Acho que vamos tentar conseguir fazer o melhor possível.

G: Que influências sofreram os W.C.Noise?

WCN: As influências são naturalmente as bandas que mais gostamos. Mas isso varia muito. O Nando gosta muito de Hard-Core e Thrash-Metal. Eu (Rudolfo) gosto muito de Speed-Metal, Hard-Rock e um pouco de Jazz. O Paulo tem muita tendência para o Speed-Metal e o Pedro também, *speed* e *thrash.*
As nossas bandas favoritas vão desde Metallica, Megadeath, Sepultura... E algumas bandas de Hard-Rock.

G: Pensam que trazem algo de inovador? O quê?

WCN: A nossa intensão não é propriamente essa. É mais fazer música, e claro, fazendo música tentar não copiar ninguém, isso leva a uma tentativa de inovar. Acho que actualmente é muito difícil ser-se inovador, porém tentamos fazer o melhor.

G: Ao escrever as vossas letras, seguem alguma ideologia, ou apenas o que vos vem à cabeça?

WCN: As letras não são escritas sempre pelas mesmas pessoas. Somos três quem as escreve: eu, o Nando e a minha namorada. Os assuntos que as letras focam, dizem respeito a nós próprios. As letras mais recentes falam muito de problemas que nos afectam, relacionados com a música e com o mundo que nos rodeia.

G: O visual do grupo assume para vocês importância primária. Tenta de algum modo reflectir a vossa música, ou é secundário?

WCN: O nosso visual, o visual das bandas de Heavy Metal tem muita importância. Nós preocupamo-nos um pouco com ele. Não sei se nos preocupamos, pois agimos naturalmente. O nosso visual é criado por nós. Sentimo-nos bem assim.

G: Falem-nos da vossa participação nas "Noites Ritual" na praia do Homem do Leme. Como aconteceu, que aceitação e benefícios tiraram disso?

WCN: Uma das pessoas responsáveis pela escolha das bandas teve o conhecimento da nossa existência. Deve ter achado uma boa banda para participar nesse evento e contactou-nos. Tudo isto através de um simples contacto telefónico!
Os benefícios traduziram-se numa grande divulgação porque as "Noites Ritual" tiveram uma enorme promoção devido à revista Ritual bem como ao apoio da Câmara. Houve também uma certa vantagem em termos dinheiro, foi um cachê razoável. Em relação à aceitação do público, penso que foi boa. Disseram-nos que estavam cerca de 1500 pessoas a assistir. O público reagiu bem.

G: Gostam de actuar ao vivo?

WCN: É claro que sim! Acho que qualquer banda gosta. Dentro da música, é o melhor que se pode fazer. Já tocamos cerca de 14 vezes ao vivo. Os mais importantes foram no Infante Sagres, Noites Ritual, Johnny Guitar. Agora temos tocado muito no Porto. Também já tocamos na Covilhã, Braga e Penafiel.

G: Que trabalhos tem editados?

WCN: O único trabalho é uma demo-tape de edição de autor. No final de Novembro sai o nosso primeiro disco, através da M.T.M.

G: Que pensam do apoio existente em Portugal aos grupos amadores?

WCN: Sobre isso, acho que não há muito apoio, mas também não há tão pouco como se diz. É relativamente fácil dar concertos em Portugal, mesmo as bandas que estão a começar. Acho que as rádios divulgam bem, pelo menos nos programas dedicados ao Heavy Metal.

G: Para finalizar, que projectos têm para o futuro?

WCN: Agora esperamos que o disco tenha uma boa aceitação a nível nacional e quem sabe a nível internacional!
Vamos poder divulga-lo bem, e dar vários concertos. Fazer uma tournée, em Portugal pelo menos!

Inês Monteiro.

INFO SOCIETY

por LUÍS FREIXO.

K.N.K é uma revista independente lituana, tendo por temas o "punk" e o "hardcore", mas abrindo excepções para todo e qualquer outro género musical independentista. Procuram contactos além-fronteiras, que os possam salvar do seu isolamento cultural. Escrevam para: **K.N.K - P.O.Box 899 Kaunas 3014 - Lituânia.**

Music From The Empty Quarter, revista independente britânica, noticiava no seu recente n°5 (sumariando Front Line Assembly, In The Nursery, e um dossier especial sobre a Third Mind Records, entre outros assuntos), que a editora portuense Tragic Figures havia lançado um Cd inédito ao vivo dos conhecidos Bourbonese Qualk. Os responsáveis pela T.F., contactados, de imediato desmentiram a informação, vindo-se a confirmar, depois, que o referido disco, de título "Unpop", fora lançado por outra editora, desconhecida, e ainda por cima da Escócia, cuja designação é Total Fl (T.Fl). E nós sabíamos que a Bretanha era "Great", mas tanto não fazíamos ideia!...

Nuova Meccanica é um grupo "techno" austríaco, algumas vezes comparado com os Front 242, mas demonstrando possuir uma personalidade própria. Procuram interessados na sua apresentação ao vivo, ou na sua edição discográfica, e para esses, têm disponível uma maqueta que poderá ser solicitada no seguinte endereço: **Nuova Meccanica - c/o Edwin Hofer Währingergtl 69/4 - 1180 Wien - Austria.**

Jorge Reyes será o patrono espiritual dos seus conterrâneos Eunucos? É que mesmo depois da feliz chegada a Portugal dos dois últimos trabalhos de Jorge Reyes, "Cronica da Castas" e "Bajo El Sol Jaguar" (ambos No-Cd Rekords/audEo), o México, sua terra-natal, continua a reservar-nos surpresas: o grupo Eunucos lançou um álbum em cassette ("Romântico Pero Sensual"), em que utilizam apenas colagens sonoras, à imagem dos Norte-Americanos Negativland, e de alguns dos grupos "industriais" mais conhecidos na Europa. Pedem que os contactem, fazendo-nos crer que estão sós na América Latina (o que não é verdade!). Investiguem por esta via: **Eunucos - c/o Raul Ramirez - Sut.73A.23 - Col. Ampliacion - Sinatel - C P 09470, Mexico, DF - México.**

Les Amoureux Du 24, fanzine francês cujo n°5 destacava Von Magnet, The Eternal Afflict, Current 93, etc, projecta a edição de uma compilação internacional (supomos que em cassette), com o objectivo de chamar a atenção sobre os maus tratos nos animais. Quem quizer participar (bandas, artistas plásticos, ou outros) poderá enviar um tema gravado e acompanhado de texto, para: Les Amoureux Du 24 - c/o Valerie Cantin - B.P.1115 - 59012 Lille - França.

O mercado "Indie" Português está em franca expansão. Se espaços como a Tubitek (Porto) e a Contraverso (Lisboa) abriram portas a uma geração hoje maior, novos espaços e novas propostas floresceram, quase sem darmos conta. Referências mais evidentes (e geográficamente diversas) são a Ananana (de Lisboa, mas que só faz venda postal), Mr. Mozart (de Santarém, ainda algo modesta e indecisa), a Fuga (de Coimbra, menos modesta, mas ainda sem identidade própria) e a audEo (do Porto). Esta última, e apesar de um mero ano de existência, desenvolveu uma acção suficientemente vasta e inacreditável para quem apenas dispõe de uns metros quadrados de espaço. Devotada às edições em CD, podereis lá encontrar as edições por si distribuidas (RecRec Music, Materiali Sonori, Minus Habens Records, jungle, Goemetrik, No-Cd Rekords, etc...) e uma renovada gama de novidades independentes, ou de outras edições de especial interesse. Conheçam-nos uma destas tardes, ou peçam o seu catálogo para: **audEo - Edifício Bristol, Loja 00 - Av. Boavista, 1635 - 4100 Porto.**

For Crying Out Loud n°0 foi editado nos Estados Unidos. É uma revista independente, dedicada às correntes "electro-techno-industrial". Neste número encontramos artigos sobre os Digital Poodle, Lassigue Bendthaus, X-Orcist, Blind Twice, Behavioral control Squad, etc, bem como uma cassette com temas de alguns dos grupos tratados. Para consegui-la, enviem $6 U.S. (cheque ou vale internacional em nome de Bob Silver) para: **For Crying Out Loud - P.O.Box 64875 - L.A.,CA,90064 .0875 - U.S.A.**

Ousadias será um fanzine de intervenção sobre músicas e culturas, a editar em breve no Porto. O colectivo que o prepara, procura "todos os que queiram colaborar, de maneiras diferentes, ainda que contraditórias entre si...", mas sublinha que "nenhum trabalho será publicado sem o conhecimento do nome e contacto dos seus autores...", o que está bem! Enviem trabalhos ou peçam mais informações para: **O Colectivo Ousar - Apartado 4420 - 4007 Porto Codex.**